



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	“Não há nada de escondido que não venha a ser revelado” (Mt.10,26) : melancolia e apologia na escrita de L. Kaulen.
Autor	ALINE SCHEFER
Orientador	LUIZ FERNANDO MEDEIROS RODRIGUES
Instituição	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Tendo como objeto de estudo o grupo de jesuítas expulsos das Missões da Vice-Província do Grão Pará e Maranhão, encarcerados na prisão de São Julião da Barra, a partir de 1759, ano da expulsão dos missionários dos territórios portugueses, buscar-se-á compreender as representações que podem ser encontradas em seus escritos, melancólicos e apologéticos.

A expulsão e o encarceramento em Lisboa dos jesuítas do Reino de Portugal serão, para muitos destes jesuítas, um momento (um lugar) de produção, onde a apologia e a melancolia encontrará um novo espaço e uma nova justificação para a expulsão. Em modo particular, para os jesuítas da Vice-Província do Grão-Pará e Maranhão, o espaço do encarceramento (e para alguns, o do exílio na Itália) acrescentará novos motivos para um desconforto epocal diante da modernidade.

Os encarcerados e exilados retomam uma das características renascentistas da *melancolia* e outra de sua própria época, a *apologia*, como fonte de um trabalho criativo. Seus escritos (na prisão e na vida de exilados na Itália) tratarão sobre as reivindicações de suas operações e obras brasileiras (especialmente na Amazônia portuguesa) e jesuíticas. A escritura melancólica e apologética, que se gera neste período, será mais existencial e menos de biblioteca como lugar de produção. De fato, muitos dos autores farão recurso à “biblioteca” interior (memória), das próprias experiências como missionários na Amazônia, por causa da quase total inexistência de livros que os auxiliassem em seus escritos.

No grupo destes jesuítas prisioneiros ou exilados, melancolia e apologia foram os sentimentos propulsores de suas escrituras. Não apenas porque foram literalmente arrancados de suas missões e residências/colégios na terra que se converteria em “nova pátria”, mas também porque no espaço natal se sentiram irremediavelmente estrangeiros e renegados.

As condições naturais da exuberância brasileira (sobretudo amazônica), que nos escritos destes missionários aparece como força hostil e desafiadora, edificavam o valor do sacrifício do missionário.

Como fonte primária, usaremos a “*Relação de algumas cousas que sucederão aos Religiosos da Companhia de Jesus [...]*” de Lourenço Kaulen, concluída anos após a sua liberdade da prisão (1777). Nela, além da descrição melancólica das inúmeras dificuldades que os presos jesuítas tiveram que enfrentar para sobreviverem nos cárceres pombalinos, pode-se compreender a percepção que o grupo teve sobre a sua expulsão e prisão, e sobre aversão do próprio rei e de seus conterrâneos.

O recorte temporal do período em exame abrange desde o momento da expulsão da Vice-Província, em 1759, até 1777, ano de liberdade dos presos.

Metodologicamente, usaremos o conceito de representação assim como R. Chartier o definiu: a representação deve ser considerada como aquilo que permite ver/perceber uma “coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado” (1990, p. 20); é fundamentalmente, estar no lugar de , é tornar presente aquilo que está ausente. E, quando o exame do texto possibilitar, o de representações sociais de Serge Moscovici (1990), para o qual estas se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar o cotidiano. E que seriam desenvolvidas pelos indivíduos ou pelo grupo como forma de fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem, levando-se em conta a bagagem cultural e as ideologias que os indivíduos trazem consigo.

Com estas ferramentas metodológicas, espera-se poder fazer emergir a maneira como estes jesuítas encarcerados e exilados perceberam e fixaram, na escrita de tipo melancólica e apologética, a justificação para os momentos de crise que viviam. Poder-se-á individualizar as formas e representações que visavam defender o operado da Companhia e resgatar a imagem de seus missionários.